

MEMORIAL

Luciana Raccanello Storto
(Luciana R. Storto)

2002

Apresentado como parte dos requisitos exigidos para a inscrição no Concurso para o cargo de Professor Doutor, em RDIDP, ref. MS-3, cargo no. 301.132, e claro no. 428.701 na área de Lingüística Descritiva, do Departamento de Lingüística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, nos termos do art. 125, parágrafo 1º do Regimento Geral da USP.

I. Formação

I.1. Primeiro e Segundo Grau e Graduação

Cursei o primeiro grau no Externato Madre Alix em São Paulo, e o colegial no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Campinas. Durante o primeiro e segundo graus me interessei por temas ligados às ciências humanas, tendo tido também um breve namoro com as ciências biológicas. As disciplinas de História, Geografia Humana, Psicologia, Literatura, Gramática, e Filosofia em especial, capturaram a minha atenção, pois, cada qual à sua maneira, permitiam *insights* sobre o que seria a natureza humana. No entanto, tendo optado por me especializar em humanas no colegial, não estava satisfeita com as metodologias utilizadas nesta área do conhecimento, o que, na época eu descrevia como o caráter "fraco" ou "fácil" da área, em comparação com as biológicas ou exatas. Eu ansiava por ter feito um colegial mais "puxado" ou "difícil". A Biologia e Química sempre me pareceram interessantes por permitirem, a princípio, explicar o ser humano em comparação com outros seres vivos. No entanto, eu não tinha tido contato com nenhum professor ou leitura que demonstrasse como isso poderia ser feito. A teoria da evolução foi o único assunto tratado na escola durante estes anos de formação que fazia a ponte entre as humanas e biológicas. Meu interesse nesta teoria sempre foi grande, mas estava convencida de que estudar biologia ou genética não me trariam mais próxima de um entendimento da natureza humana, portanto deixei os interesses em biológicas de lado para me dedicar a uma carreira na área de humanas.

Entrei na universidade ainda em dúvida sobre que carreira desejava seguir. Queria ser professora e pesquisadora, mas de que disciplina? Psicologia, História, e Antropologia eram minhas principais escolhas. Optei por História porque achei que esta área me daria a cultura geral desejada por um humanista. No entanto, não descartava fazer outro curso superior ou mudar de área. Cursei o 3º grau de janeiro de 1985 a junho de 1988 na UNICAMP, onde me graduei com o título de Bacharel em História (Doc. pg. 5). O Departamento de História da UNICAMP neste período estava dominado por escolas pós-

marxistas francesas, como a história das mentalidades, e do cotidiano, sobre as quais li com afinco. Fui especialmente influenciada pelas linhas de pesquisa que utilizavam a historiografia inglesa e americana, e pelos professores Sidney Chalhoub, Célia Azevedo, Roberto do Amaral Lapa, Peter Eisenberg, e Robert Slanes, especialistas no tema “escravidão”. Trabalhei por um breve período de tempo no Arquivo de Processos Judiciais da Escravidão da UNICAMP. Tinha interesse em fazer pesquisa com o material do arquivo, mas, apesar de ter sido encorajada a participar da linha de pesquisa de escravidão, me senti desestimulada, porque minha visão de História não ia de encontro às tendências teóricas dos meus professores. Na graduação eu havia aprendido a lidar com os documentos históricos, e a fazer uma leitura crítica dos textos historiográficos, contextualizando, de acordo com a tendência política e o momento histórico, o discurso de cada historiador. Eu desejava fazer uma História objetiva, que retratasse os eventos do passado mapeando os pontos de vista de todos os segmentos envolvidos no contexto histórico, mas o subjetivismo era o único viés teórico adotado no programa de história da UNICAMP. Acreditava-se que o historiador inevitavelmente adota a visão de uma facção dos participantes do momento histórico estudado, sejam eles os “vencedores” ou os “vencidos”. Eu estava preocupada com "a verdade" (apesar de estar ciente de que a ciência é apenas *a busca* da verdade). Talvez eu estivesse iludida ao pensar que a História permite um tratamento científico. Esta experiência, no entanto, me alertou para o fato de que meus interesses acadêmicos estavam centralizados nos métodos científicos, nas questões epistemológicas, e não nas discussões de cunho ideológico. Tratei, assim, de procurar uma disciplina dentro das humanas que pudesse ser tratada cientificamente. Escolhi a Lingüística por ter tido a sorte de conhecer o trabalho de Denny Moore em Belém do Pará.

Visitei o Museu Goeldi em 1987, quando conheci, através do meu então namorado (hoje marido, que trabalhava como antropólogo no Goeldi), um grupo de pesquisadores que capturou meu interesse: a equipe de estagiários da Divisão de Lingüística, coordenados por Denny Moore. Eles estavam em processo de discussão de dados originais de línguas indígenas em seminários informais, que eram realizados periodicamente. Eu assisti a alguns destes seminários, durante um mês de estadia em

Belém, e fiquei impressionada com o nível de cooperação e participação entre os membros do grupo, que tinham como objetivo profissional comum o avanço da Divisão de Lingüística e do estudo das línguas brasileiras. O que mais marcou esta minha experiência foi notar que Denny encorajava seus alunos a construir uma hipótese e oferecer evidências a seu favor sem deixar que as eventuais discordâncias sobre análises afetassem a coesão do grupo. Estimulada pela metodologia e pelos temas discutidos no estágio de lingüística indígena do Goeldi, comecei então a ler sobre as línguas brasileiras, e sobre a Lingüística em geral, com a intenção de seguir carreira na área indígena. Meu objetivo era contribuir para a descrição e análise de alguma língua nativa do Brasil. Iniciei uma pesquisa sobre as línguas a fim de escolher aquela à qual eu me dedicaria. Neste ano casei-me, e em 1988 fui com meu marido para os Estados Unidos.

I.2. Estudos Informais em Lingüística

I.2.1. Universidade de Stanford

Tive a oportunidade de viver por dois anos (1988-1990), assim que terminei minha graduação, na Universidade de Stanford (California, Estados Unidos) onde meu marido foi cursar o mestrado em Antropologia. Em Stanford fiz 11 cursos (em nível de graduação e pós-graduação) como ouvinte não-matriculada com alguns dos maiores nomes da Lingüística: Kiparsky, Leben, Bresnan, Zwicky, Poser, Wasow, Sells, Guy, Clark e Zalta (ver curriculum vitae). Os professores providenciaram para que eu tivesse acesso a e-mail e corrigiram meus exercícios como se eu fosse uma aluna matriculada. Durante este período mantive contato com Denny Moore do Museu Goeldi, que acompanhou meus estudos em Stanford e aceitou ser meu orientador quando eu voltasse ao Brasil. Esta primeira experiência com uma universidade americana de excelente qualidade me estimulou a continuar estudando para que eu pudesse um dia cursar, como aluna regular de pós-graduação, um programa de qualidade nos Estados Unidos. Eu havia me apaixonado pelos temas estudados pela lingüística, que agregavam muitos dos meus antigos interesses nas áreas de humanas e biológicas. Restava saber se eu me sairia bem como pesquisadora de línguas indígenas.

I.2.2. Estágio no Museu Paraense Emílio Goeldi

Ao voltar ao Brasil em 1990, eu já tinha a competência de uma Bacharel em Lingüística, e por isso consegui entrar para o estágio de Lingüística do Museu Emílio Goeldi em Belém.

Meu primeiro projeto no Goeldi foi como bolsista de Aperfeiçoamento B do CNPq (1990-1991), quando criei uma base de dados computadorizada (em Micro-Isis) com referências bibliográficas sobre as línguas indígenas da América do Sul (apresentada na INFOAMAZÔNIA, Belém, 1991).

Meu segundo projeto de Aperfeiçoamento B do CNPq (1991-1992) envolveu uma descrição e análise preliminar do Karitiana, uma língua Tupi da família Arikém, tronco Tupi, que estudo até hoje. Nesta fase, avaliei a bibliografia sobre a língua, e fiz uma viagem à Porto Velho para pedir autorização da comunidade Karitiana e apresentar um projeto de trabalho com sua língua. O conselho da Associação Indígena Akot Pytim'adnipa aceitou minha proposta, e exigiu que além do estudo lingüístico, eu corrigisse a ortografia da língua, e trabalhasse na elaboração de materiais didáticos como um livro de apoio à alfabetização, um dicionário e uma gramática. Elicitei alguns dados preliminares nesta viagem, como a lista lexical básica de Swadesh e um formulário gramatical.

Escrevi meu primeiro artigo em co-autoria com Denny, que nunca chegou a ser publicado, mas foi citado na literatura (Grenoble & Whaley (eds.) 1998), sobre o estado da pesquisa em línguas indígenas no Brasil:

1991. *Lingüística Indígena no Brasil*. Ms. (com Denny Moore) (Doc. pg. 283)

Minha associação profissional com Denny Moore intensificou-se no segundo ano em que trabalhei no Goeldi, e continua forte até hoje. Ele me acompanhou e orientou na

primeira viagem que fiz ao campo, a fim de coordenar as minhas primeiras sessões de elicitación de dados e me apresentar como sua orientanda às lideranças indígenas e aos indigenistas baseados em Porto Velho. Fui co-autora, com Denny, de dois projetos de grande porte enviados ao CNPq e à FINEP envolvendo pesquisa e desenvolvimento institucional (ambos foram financiados). Estes projetos financiaram parcialmente algumas das viagens de campo que eu fiz de 1993 a 1997. Uma outra fonte de verbas utilizada para meu trabalho de campo neste período foi a Fundação Norueguesa para Florestas Tropicais (NRF), que financiou um projeto de alfabetização em línguas indígenas com os lingüistas do Museu Goeldi. Em 2001 voltei a colaborar com pesquisadores do Goeldi em um projeto de lingüística diacrônica: o Projeto Tupi Comparativo.

No Estágio de Lingüística Indígena do Museu Goeldi, ao qual estive ligada direta ou indiretamente de 1990 até 1997, participei de seminários onde se discutiram análises de várias línguas indígenas: Apurinã (Aruak), Jaboti (Isolada), Kayapó (Jê), Karitiana, Karo, Mekéns, Munduruku, Gavião, Xipayá (todas Tupi), Tiriýó (Karib), Trumai (Isolada), e Waimiri-Atroari (Karib). A dedicação que Denny Moore ofereceu a mim, ele também ofereceu a todos os estagiários que julgava promissores. Meus colegas de estágio do Museu Goeldi estão hoje terminando ou já terminaram seus doutorados em lingüística no exterior, ou em instituições brasileiras de reconhecida excelência (Carmem Rodrigues, doutora Paris VII; Nilson Gabas Junior, doutor University of California at Santa Barbara; Sérgio Meira, doutor Rice University, Sidney Facundes, doutor Oregon University; Raquel Guirardello, doutora Rice University, Ana Vilacy Galúcio, doutora University of Chicago; Eduardo Ribeiro, doutorando University of Chicago; Ana Carla Bruno, doutoranda University of Arizona; Gessiane Lobato Picanço, doutoranda University of British Columbia, Petronila Tavares, doutoranda de Rice University Marília Ferreira e Nádia Pires, doutorandas da UNICAMP). Contando comigo, o número de doutores formados ou a se formar com a orientação de Denny Moore no Museu Goeldi (12 pesquisadores, em aproximadamente 10 anos), é igual ao número total de doutores que trabalhavam com línguas indígenas no país em 1991 (Moore & Storto 1991). Denny chegou a ganhar o prestigioso prêmio MacArthur pelo seu excelente trabalho à frente da

Divisão de Lingüística do Goeldi. A minha experiência no Museu Emílio Goeldi foi fundamental para consolidar em mim a vontade de contribuir para o desenvolvimento da lingüística descritiva no Brasil. Desde então, este tem sido um dos meus objetivos profissionais. Além disso, foi uma experiência que me convenceu que é possível desenvolver um grupo de pesquisa de qualidade no Brasil através de projetos bem administrados com agências financiadoras do Brasil e do exterior.

I.3. Pós-Graduação

I.3.1. Aperfeiçoamento no Brasil:

Particpei do III Curso Intensivo em Lingüística Indígena, na Universidade de São Paulo (USP), em Janeiro de 1992 (Responsável: Dr. Erasmo d'Almeida Magalhães), com carga Horária de 180 horas (Doc. pg. 6). Este curso foi importante por ter sido meu primeiro curso oficial em lingüística, e por ter permitido um contato direto com informantes de línguas indígenas. O curso dividiu-se em quatro módulos: fonologia (Denny Moore), morfologia (Raquel Teixeira), tipologia sintática (Alexandra Aickenvald-Angenot) e trabalho de campo (Adair Palácio). Durante todo o mês de janeiro, elicitei dados com falantes nativos de Tupari (família Tupari, tronco Tupi), e Surui (família Mondé, tronco Tupi).

I.3.2. Mestrado:

Ingressei no programa de pós graduação em Lingüística da Pennsylvania State University (PennState) em agosto de 1992, com a intenção de me especializar em lingüística histórica. Um entendimento dos métodos utilizados para a classificação lingüística dentro de famílias e troncos me parecia crucial para a formação de um lingüista descritivista das línguas indígenas brasileiras, sobre as quais tão pouco se sabe. Estudei com William Schmalstieg, especialista em indo-europeu, e Philip Baldi, especialista em línguas românicas. Desenvolvi uma pesquisa em co-autoria com o último, sobre a mudança vocálica em cadeia da família Arikém (a qual pertence a língua

Karitiana, por mim estudada) na sua descendência do Proto-Tupi. Apresentei este trabalho na reunião anual da Linguistic Society of America, em Boston:

1994. *The Proto-Arikém Vowel Shift*. Ms. (com Philip Baldi). (Docs. pgs. 58-59)

Hoje, em posse de dados confiáveis de 9 línguas Tupi, coletados em campo pelos membros do Projeto Tupi Comparativo (Museu Goeldi 2001-2004), estou reescrevendo o artigo acima a fim de submetê-lo a publicação em um periódico internacional especializado em lingüística histórica (*Diachronica*). Voltei a trabalhar com a lingüística histórica em 2001 pois a maioria dos meus colegas do Goeldi especializados em Tupi terminaram suas teses de Ph.D., o que possibilita, pela primeira vez, um estudo comparativo de qualidade da fonologia, morfologia e sintaxe de línguas pertencentes a todas as 10 famílias Tupi.

Procurei aplicar todas as teorias que aprendi (estruturalismo, método histórico-comparativo, e gerativismo) aos dados da língua Karitiana que eu havia elicitado em trabalho de campo em julho de 1992, e junho de 1993 (financiamento: FINEP e CNPq, através do Museu Emílio Goeldi). Escrevi descrições preliminares sobre a variação na ordem dos constituintes, a pré e pós-oralização das consoantes nasais, e o padrão de acento tonal da língua, os quais foram posteriormente desenvolvidos e incorporados à minha tese de doutorado. Foi na PennState que tive um contato mais profundo com o modelo teórico de Princípios e Parâmetros nos cursos de sintaxe ministrados por David Wible e nos cursos de fonologia ministrados por Barbara Bullock. Desde então, este tem sido o viés teórico do meu trabalho, pois dá conta de explicar uma boa parcela dos fenômenos de variação e universalidade nas línguas do mundo. Recebi o título de Mestre (Master of Arts) em Lingüística em maio de 1994 (Doc. pg. 21).

I.3.3. Especialização no Exterior:

Financiada com bolsa da Linguistic Society of America (LSA), assisti a cinco cursos intensivos de lingüística em nível de pós-graduação no Linguistic Institute (julho

de 1993), organizado pela LSA na Ohio State University. Fiz a carga máxima de créditos, como era exigido pela bolsa. Meus professores foram Donca Steriade, Sharon Inkelas, Lyle Campbell, e Nick Clements. Nesta ocasião apresentei meu primeiro trabalho científico, no congresso da SSILA (Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas):

1994. Basic Word Order in Karitiana (Arikém Family, Tupi Stock). *Report 8: Survey of California and Other Indian Languages: Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, July 2-4, 1993 and the Hoka Penutian Workshop, July 3, 1993*. Department of Linguistics. University of California at Berkeley. 138-144. (Doc. pg. 42)

A participação no Linguistic Institute foi muito importante para mim por ter me colocado em contato com vários pesquisadores de excelência e com pós-graduandos de várias partes do mundo. Tive a oportunidade de discutir com Donca Steriade sobre os alofones das consoantes nasais em Karitiana, com Sharon Inkelas sobre os padrões de tom e acento da língua, e com Lyle Campbell sobre a classificação das línguas Tupi. Cada um destes temas tem sido retomado na minha pesquisa atual (Storto & Demolin 2002, no prelo, em preparação e Storto & Franchetto, no prelo). O excelente desempenho que tive nestes cursos foi, ainda, fundamental para que eu fosse aceita no programa de doutorado do MIT.

1.3.4. Doutorado

Ingressei no programa de pós-graduação em Lingüística no Massachusetts Institute of Technology (MIT) em agosto de 1994. Escolhi o MIT para o doutorado, pois decidi que minha contribuição para o estudo das línguas indígenas brasileiras deveria ser feito à luz do modelo teórico de Princípios e Parâmetros, que, na minha opinião, fornece as explicações mais interessantes e convincentes para os fenômenos lingüísticos em discussão na teoria sintática contemporânea. O gerativismo é, para mim, não apenas um instrumental útil de análise lingüística formal, mas a busca do entendimento da linguagem enquanto fenômeno natural (a Faculdade da Linguagem). Por ser parte da natureza, a Linguagem pode ser acessada através do estudo da competência do falante de

cada língua. Como as línguas indígenas brasileiras estão entre as menos estudadas do mundo, acredito que elas ainda têm muito a contribuir para o entendimento dos universais lingüísticos.

No período de quatro anos e meio que passei no MIT, escrevi sobre vários aspectos da gramática do Karitiana à luz de teorias gerativas. Como a língua tinha sido estudada por apenas um missionário do SIL antes de mim, e não havia gramática ou trabalho algum que tratasse de maneira inteligível a fonologia autosegmental, a morfologia ou sintaxe da língua, o trabalho descritivo teve de ser feito todo por mim. Procurei ser fiel aos dados, buscando antes descrever o que realmente ocorria na língua, para num momento posterior decidir que análise teórica usar. Por exemplo, não assumi a priori que os prefixos marcadores de pessoa nos verbos eram marcas de concordância, mas chamei-os de prefixos até poder argumentar a favor da análise adotada com evidências conclusivas, no caso, o fato de sua presença estar associada a um movimento do verbo para o início da sentença. O missionário David Landin, que estudou a língua antes de mim, havia simplesmente assumido que estes prefixos eram pronomes. Por estas e outras o trabalho dele foi praticamente inútil para mim (com exceção da fonologia segmental e da identificação da língua como ergativa).

Em 1995, proferi palestra sobre a situação das línguas indígenas brasileiras no curso “Endangered Languages” oferecido no Independent Activity Period (IAP) do MIT, que resultou em uma publicação que eu ajudei a editar, na qual há um artigo de minha autoria e uma bibliografia que eu ajudei a compilar (Docs. pgs. 70-113):

1996. A Report on Language Endangerment in Brazil. Em *Language Endangerment and the Maintenance of Linguistic Diversity. MIT Working Papers in Linguistics 28*.

1996. *MIT Working Papers in Linguistics 28*. MITWPL. (com Bobaljik & Pensalfini)

1996. A Preliminary Bibliography on Language Endangerment and Preservation. *MIT Working Papers in Linguistics 28*. J. Bobaljik, R. Pensalfini, and L. Storto (eds.). MITWPL. (com Bobaljik & Pensalfini)

Fiz trabalho de campo durante a maior parte das minhas férias escolares do MIT (julho 1994, julho e agosto de 1995, janeiro de 1996, e janeiro e fevereiro de 1997), o que me permitiu eliciar dados suficientes para uma série de artigos e para a tese. Sob orientação de Ken Hale, David Pesetsky, Morris Halle e Michael Kenstowicz, fiz meus exames de qualificação (Doctoral General Examination) nas áreas de sintaxe e fonologia, tendo defendido perante uma banca os artigos intitulados “Verb Raising in Karitiana” e “Vowel Epenthesis in Karitiana”. O primeiro foi publicado em 1997, num volume da ABRALIN dedicado ao professor Aryon Rodrigues. Ele identifica os prefixos do verbo Karitiana como concordância, estabelece o fato de que na língua há um movimento obrigatório do verbo para um núcleo funcional no início da sentença (supostamente o núcleo Complementizador), e discute a variação na ordem dos constituintes como decorrente de checagem de traços de caso e concordância. O último foi apresentado na conferência de 1996 da SSILA, em São Francisco (Docs. pgs. 67-68), e discute o processo de inserção de uma vogal entre vários tipos de morfema formadores de unidades fonológicas (palavra prosódica, ou frase fonológica), unidades estas que podem servir de evidência para a existência de certas unidades sintáticas (núcleos complexos).

1997. Verb Raising and Word Order Variation in Karitiana. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) 20 - Homenagem a Aryon Dall’Igna Rodrigues*. (Doc. pg. 130)

1996. *Vowel Epenthesis in Karitiana*. General's paper. Ms.

O artigo que descreve o fenômeno de epêntese foi posteriormente modificado e incorporado à minha tese de doutorado, que hipotetiza um mapeamento de certas unidades sintáticas em unidades fonológicas no interior das quais processos fonológicos específicos se aplicam. Escolhi a análise derivacional clássica, onde se propõe um mapeamento unidirecional da sintaxe para a fonologia, pois ela dá conta de uma maneira clara e intuitiva dos dados do Karitiana estudados até agora. Caso novos fenômenos da língua ou fenômenos comparáveis em línguas relacionadas sugiram a existência de um mapeamento na direção oposta (da fonologia para a sintaxe), ou hierarquias de restrições, o modelo teórico representacional (teoria da otimalidade) será considerado.

No MIT, estudei, em especial, as teorias de Hale & Keyser 1993 e 1998 (teoria: estrutura argumental), Bittner & Hale 1996 (teoria: vinculação de caso), Halle & Idsardi 1995 (teoria: métrica), Halle & Marantz 1993 (teoria: morfologia distribuída), e Chomsky 1993, 1995, 1998, 1999 (teoria: programa minimalista). Realizei pesquisa sobre os temas caso, concordância, e suas interações com sistemas de voz em co-autoria com Ken Hale:

1996. Agreement and Spurious Antipassives. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) 20*. (com Ken Hale) (Doc. pg. 115)

Este trabalho foi um passo importante no meu entendimento das singularidades sintáticas das línguas Tupi. Doris Payne já havia escrito, dentro de um *framework* funcionalista, um artigo sobre voz inversa em Tupi-Guarani, mas até ter trabalhado com dados originais do Karitiana eu não havia entendido como se daria formalmente a relação entre concordância, caso e voz. As línguas Tupi, como as línguas Maia, têm construções de foco (utilizadas na voz inversa) obrigatórias (em Tupi, foco do objeto, e em Maia, foco do sujeito agente) que são marcadas pela presença de morfologia verbal. Esta morfologia, quando inserida, afeta os padrões de concordância nas duas famílias lingüísticas. A resposta dada por Hale & Storto neste artigo é que a inserção de morfologia (adição de núcleos) nestes casos, anula (através de checagem, ou apenas pela substituição) os traços de concordância do núcleo funcional hospedeiro, alterando, assim, os padrões de concordância. Resta entender se há uma equivalência semântica ou funcional entre foco e concordância, ou se temos apenas uma fusão de núcleos na qual os traços do hospedeiro são obliterados. Pretendo estudar a sintaxe de várias línguas Tupi (Projeto Tupi Comparativo, 2001-2004) a fim de entender o fenômeno na família lingüística e buscar suas motivações diacrônicas e sincrônicas.

Apesar de ter concentrado a maioria dos créditos na área da sintaxe durante o doutorado, me especializei também na área da fonologia (Minor), analisando a fonologia do Karitiana dentro da teoria da Otimalidade, orientada por Michael Kenstowicz e Cheryl Zoll. A análise não revelou-se mais esclarecedora dos fenômenos fonológicos do Karitiana do que a análise derivacional adotada na minha tese. Estou escrevendo um

artigo em co-autoria com Didier Demolin, onde apresentaremos uma comparação entre as teorias derivacional e representacional no que diz respeito ao tratamento do acento tonal da língua (encomendado para uma conferência em junho de 2003 na Universidade Le Mirail em Toulouse, França).

Em dezembro de 1997 apresentei um trabalho identificando o Karitiana como uma língua V2 (na quais há um deslocamento obrigatório do verbo para C nas sentenças matriz, e um preenchimento a princípio fonológico do especificador de CP) na VI CONSOLE, Conferência dos Estudantes de Linguística da Europa, realizada em Lisboa, Portugal:

1998. Karitiana: A Verb Second Language from Amazonia. Em *Proceedings of the Sixth Conference of Students of Linguistics of Europe (CONSOLE)*. (Doc. pg. 147)

Ken Hale foi meu orientador oficial na tese de doutorado (em anexo), que descreve e discute teoricamente aspectos fundamentais da fonologia e sintaxe da língua (discutidos neste memorial dentro do comentário feito sobre cada artigo publicado). Recebi o título de Ph.D. em lingüística pelo MIT em fevereiro de 1999 (Doc. pg. 24).

1999. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Tese de Doutorado. MIT. (em anexo)

Pretendo, na minha próxima ida ao campo, realizar testes lingüísticos a fim de finalizar um capítulo descritivo da morfosintaxe, para que eu possa publicar a tese pelo MIT Working Papers in Linguistics como uma gramática completa do Karitiana. Tenho planos de escrever uma versão em português da gramática após o término dos estudos comparativos entre o Karitiana e outras línguas Tupi (2005). Neste trabalho, eu descreverei cada fenômeno lingüístico do Karitiana, comparando-o com as estratégias utilizadas nas outras línguas Tupi. Após vários anos de estudos comparativos tenho a intenção de publicar um livro em inglês sobre sintaxe Tupi, se possível pela série de monografias da NLLT.

Ainda no MIT, fui convidada, em 1998, para escrever um verbete para a "Afropaedia", a enciclopédia da diáspora africana de Harvard. Especificamente, os editores pediram que eu escrevesse um pequeno artigo sobre as influências das línguas africanas no português do Brasil. Convidei Filomena Sandalo, que então fazia seu pós-doutorado no MIT, para ser minha co-autora, e entregamos o texto ao editor em julho de 1998.

No prelo. The Impact of African Languages on Brazilian Portuguese. *Afropaedia*. Harvard. (com Filomena Sandalo) (Doc. pg. 161 e 163)

Minha estadia no MIT foi fundamental para a minha profissionalização, pois lá convivi diariamente com lingüistas profissionais de primeira linha, participei semanalmente das aulas de Noam Chomsky, de seminários onde os principais gerativistas do mundo apresentaram seus trabalhos, recebi orientação semanal de Ken Hale, e passei por desafios acadêmicos e pessoais para poder dar conta das exigências do currículo. Esta experiência me fez amadurecer consideravelmente como pesquisadora. Lá entendi a diferença entre uma análise engenhosa (*an engineering solution*, como diz Chomsky) e uma análise fundada em uma necessidade conceitual (*conceptual necessity*). Por isso, tenho como política descrever os fenômenos lingüísticos cuidadosamente (*descriptive adequacy*), para em seguida examinar diversas hipóteses explicativas (*explanatory adequacy*) da competência do falante. Quando se estudam línguas pouco conhecidas é muito fácil cair na tentação de forçar a teoria da moda, frequentemente, uma solução engenhosa, sobre os dados. Eu tenho como prática metodológica resistir a esta tentação, procurando fazer uma descrição conservadora para a qual busco uma explicação universal bem motivada na literatura, porque uma descrição bem feita fica para a história, mas os modismos teóricos vêm e vão.

I.3.5. Outros

Participei, do curso de Semântica de Eventos oferecido por Angelika Kratzer na USP (Doc pg. 267). Este curso me interessou diretamente por tratar de um assunto ao qual eu havia me dedicado desde que deixei o MIT, em 1999. Tendo sido orientanda de

Ken Hale, eu naturalmente estava acostumada a pensar o tema estrutura argumental dentro da teoria de Hale & Keyser, que prevê estruturas lexicais complexas para os verbos (por exemplo, o verbo *engavetar* seria um núcleo verbal complexo formado pelo nome *gaveta*, ao qual se adiciona a preposição *en-*, para depois adicionar-se o núcleo verbalizador *-ar*). Angelika me fez ver que a semântica formal é capaz de fornecer evidências inequívocas da existência de núcleos funcionais na estrutura argumental dos itens lexicais que a análise sintática por si só não é capaz de identificar. Na análise de Angelika, que utiliza testes formais de escopo, alguns destes núcleos não estariam dentro do verbo, mas acima dele, e seriam parte de uma projeção funcional responsável pela semântica de "Evento" em uma classe de verbos. Uma hipótese tão específica quanto esta pode ser testada facilmente em línguas pouco conhecidas, como é o caso das línguas brasileiras. Desde que fiz o curso de Angelika, tenho como um dos meus objetivos de carreira aplicar a semântica formal ao estudo da estrutura argumental das línguas indígenas. Eu gostaria de orientar alunos de graduação e pós em estudos aprofundados de classes vocabulares de línguas brasileiras, trabalhos estes que teriam interesse teórico e prático (como dicionários em projetos de educação indígena). Meu desejo de me juntar, como docente, ao departamento de Lingüística da USP está, em parte, fundado no fato deste ser um departamento bastante forte na área de semântica formal.

II. Experiência Profissional

II.1. Pesquisa

Cito, abaixo, as atividades e projetos de pesquisa desenvolvidos por mim em instituições brasileiras desde a minha volta ao Brasil em 1999.

II.1.1. Projeto de Pesquisa financiado com bolsa de Recém Doutor (CNPq)

Fui bolsista Recém Doutor do CNPq na Área de Lingüística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional-UFRJ de julho de 1999 até janeiro de 2001. Durante este período, atuei no Museu Nacional/UFRJ como professora, pesquisadora e organizadora de palestras e das listas de e-mail ling-mn@acd.ufrj.br, prof-mn@acd.ufrj.br, e no

Departamento de Linguística da UFRJ como professora de 2 cursos a nível de pós-graduação.

O projeto de recém-doutor previa avanços na pesquisa da língua Karitiana nas áreas de fonologia, morfologia e sintaxe. O avanço nas duas últimas foi maior do que o previsto, já que a realização de uma conferência de trabalho com a presença de Ken Hale permitiu a vinda de um informante, e através do trabalho de campo foi possível estabelecer hipóteses acerca das subclasses de verbos na língua a partir da distribuição destes verbos em construções sintáticas (passivas, estativas, transitivas derivadas, e causativas). As publicações sobre o Karitiana resultantes deste período são:

2000. Concordância Irregular em Construções de Foco do Objeto em Karitiana. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis. CD-Rom. (Doc. pg. 183)

2002. Duas Classes de Verbos Intransitivos em Karitiana (Família Arikém, Tronco Tupi). Em F. Queixalos & O. Lescure (eds.) *Des Noms et Des Verbes en Tupi-Guarani*. Lincom-Europa. (Doc. pg. 201)

Atividades de pesquisa desenvolvidas no período:

Participei do Seminário de Antropologia Biológica do Museu Nacional em outubro de 1999, apresentando um artigo em co-autoria com Bruna Franchetto:

No prelo. Hipóteses Lingüísticas sobre o Povoamento das Américas. Em SILVA, H.P. & RODRIGUES-CARVALHO, C. (eds.), *Novas Questões sobre o Povoamento das Américas: Visões Interdisciplinares, com Prefácio de F.M. Salzano*. Editora da UFRJ. (com B. Franchetto). (Doc. Pg. 300)

Neste artigo, discutimos principalmente a teoria de Joseph Greenberg acerca do povoamento pré-histórico das Américas, mostrando a limitação de seu método, e demonstrando que alguns dos resultados por ele previstos para as línguas Tupi são errôneos.

Fui convidada para debater dois artigos no GT de Teoria da Gramática da ANPOLL na USP em dezembro de 1999. Aproveitei para dar uma palestra no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Storto & Franchetto, no prelo), quando discuti com o arqueólogo Eduardo Neves uma colaboração futura em forma de projeto de pós-doutorado da FAPESP. Fiquei muito bem impressionada com o alto nível de desenvolvimento institucional e científico de alguns grupos de pesquisa na USP. Neste momento, decidi que uma das possibilidades para meu futuro profissional seria voltar definitivamente a São Paulo para procurar atuar junto às áreas de lingüística e arqueologia na USP.

Particpei da conferência "Rencontre sur la Grammaire des Langues Tupi-Guarani", realizada em Caiena, na Guiana Francesa, de 25 a 27 de janeiro de 2000, e organizada pelo IRD (antiga ORSTOM). Fui convidada para esta conferência de especialistas em línguas Tupi-Guarani apesar de estudar uma língua Tupi-Arikém, pois os organizadores (Francisco Queixalos & Odile Lescure) desejavam contrapor as línguas que estudam a uma língua mais distante dentro do tronco Tupi no que diz respeito a um tópico de comum interesse. Escolhi a conhecida característica ativa-estativa discutida por funcionalistas nas línguas Tupi-Guarani, e dei um tratamento gerativista ao assunto, apresentando um trabalho sobre os verbos inacusativos em Karitiana, trabalho este que eu vinha escrevendo desde minha volta ao Brasil (Storto 2002).

Apresentei o artigo "Um Panorama da Língua Karitiana" na conferência de trabalho intitulada "A Estrutura das Línguas Indígenas Brasileiras", que organizei, de 17 a 29 de março de 2000, em Petrópolis, RJ, com uma bolsa de US\$15.000 da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. Esta conferência foi idealizada e organizada por mim como uma conferência de trabalho, onde alguns dos melhores pesquisadores de línguas indígenas brasileiras apresentaram palestras e assistiram a cursos ensinados por professores do MIT. A conferência contou com a presença de professores ilustres como Ken Hale, Michel deGraff, Wayne O'Neil e Maya Honda, e com falantes nativos de 3 línguas indígenas (Karitiana, Karajá e Kuikuro). Pesquisadores brasileiros gerativistas e funcionalistas, professores americanos, e índios trabalharam conjuntamente de forma produtiva e intensa durante 12 dias, fortalecendo os laços entre as diferentes teorias, a

academia brasileira e a americana, e as aldeias. Uma entrevista que fiz, na ocasião, com Ken Hale foi publicada na revista de Antropologia Social do Museu Nacional:

2000. Entrevista com Ken Hale: Diversidade e Universalidade Lingüística. *Revista MANA*, vol. 6 (2), Outubro. PPGAS - Museu Nacional/UFRJ. (Doc. pg. 240)

A totalidade da conferência foi filmada em video, e será disponibilizado a preço de custo pela Divisão de Lingüística do Museu Emílio Goeldi em um futuro próximo.

Apresentei um artigo no 10º Instituto de Pesquisas Lingüísticas Aplicadas (INPLA) na PUC-SP (abril 2000), descrevendo o Dicionário Karitiana-Português-Inglês como parte do processo de alfabetização na língua Karitiana O artigo narra minha experiência como organizadora e única executora do Projeto de Educação na língua Karitiana, que alfabetizou, em 4 anos, dois terços da população acima de 10 anos de idade. Uma versão mais elaborada deste artigo saiu publicado em 2002, em um livro resultante do GT de Línguas Indígenas da ANPOLL de 2001:

2002. Dicionário Preliminar Karitiana-Português-Inglês: Um Produto do Processo de Educação e Manutenção da Cultura Entre os Karitiana. Em *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática, e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Tomo I*. (Doc. pg. 281)

Participei do GT de Línguas Indígenas da ANPOLL de junho de 2000, apresentando trabalho sobre os processos de mudança de valência em Karitiana. Não submeti este trabalho à publicação pois o artigo que escrevi para o encontro de Caiena tratava, parcialmente, do mesmo tópico.

II.1.2. Projeto de pesquisa financiado com bolsa de Fixação de Pesquisador (FAPERJ)

Em março de 2001 reiniciei minhas atividades no Museu Nacional com uma bolsa de Fixação de Pesquisador da FAPERJ, já que a bolsa pedida à FAPESP ainda não tinha sido aprovada (o que só aconteceu em novembro de 2001).

Projeto: Sincronia e Diacronia Lingüística Tupi.

O projeto dividia-se em dois componentes: um sincrônico, que pretendia comparar processos sintáticos específicos (construções passivas, de foco do objeto, e antipassivas) em línguas do tronco Tupi; e um diacrônico, que pretendia contribuir para a reconstrução da língua e cultura Proto-Tupi, através da participação em um projeto interinstitucional (Projeto Tupi Comparativo) baseado no Museu Goeldi sobre as línguas e a pré-história dos povos em questão, buscando uma colaboração intensa com o etnólogo Tupinista Carlos Fausto, do Museu Nacional. A execução do projeto foi interrompida, pois a bolsa de PD pedida à FAPESP foi aprovada em novembro de 2001.

As publicações decorrentes da pesquisa realizada neste período foram:

2002. Terminologia de Parentesco Karitiana e Juruna: Uma Comparação de Algumas Equações entre Categorias Paralelas e Gerações Alternas. Em *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática, e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Tomo II.* (com C. Araújo) (Doc. pg. 280)

2002. Algumas Categorias Funcionais em Karitiana. Em *Línguas Indígenas Brasileiras:*

Fonologia, Gramática, e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Tomo I. (Doc. pg. 281)

As atividades de pesquisa desenvolvidas no período de vigência da bolsa FAPERJ foram:

Ida à Franca, em abril e maio de 2001, em missão científica pelo convênio CAPES-COFECUB, com o objetivo principal de proferir as seguintes palestras: (1) "Interactions Between Stress and Tone in Karitiana" no grupo de pesquisa dirigido por Marc Plénat denominado "Equipe de Recherche en Syntaxe et Sémantique" (ERSS) da Universidade Le Mirail em Toulouse; (2) "Mood, Aspect and Evidentiality in Karitiana" no grupo de pesquisa do CNRS do Laboratório LACITO, dirigido por Zlatka Guencheva; (3) "Case, Agreement and Tense in Karitiana" no grupo de pesquisa do CNRS denominado CELIA, dirigido por Ion Landaburu. Nestas instituições, trabalhei, ainda, com os pesquisadores Elsa Gomez-Imbert (ERSS, tema: nasalidade), Zlatka Guencheva (LACITO, tema: aspecto referencial do Karitiana) e Francisco Queixalos (CELIA, tema: ergatividade). Além das palestras e dos encontros de trabalho com pesquisadores franceses, tive a oportunidade de ministrar duas aulas sobre teorias gerativas contemporâneas, onde apresentei teorias que estávamos estudando no Grupo de Leitura do Museu Nacional na época (Chomsky 1999, e Halle & Marantz 1998).

II.1.3. Projeto de pesquisa financiado com bolsa de Pós-Doutorado (FAPESP)

A Bolsa de Pós Doutorado FAPESP cujas atividades foram descritas abaixo, tinha um cronograma inicial previsto para fevereiro de 2001, mas foi concedida apenas em dezembro de 2001. As atividades executadas limitam-se ao período de dezembro de 2001 a fevereiro de 2002, uma vez que, a partir de março de 2002 a bolsista desistiu da bolsa PD FAPESP por ter recebido uma bolsa PROFIX do CNPq para executar projeto semelhante (porém ampliado para 4 anos, prevendo inclusive a criação de um laboratório e grupo de pesquisa em lingüística histórica no MAE).

Projeto: Reconstrução Preliminar da Pré-História dos Povos Tupi através de uma Cooperação entre a Lingüística e a Arqueologia

Publicações e atividades de pesquisa desenvolvidas no período de vigência da bolsa FAPESP:

No prelo. The Phonetics and Phonology of Unreleased Stops in Karitiana. *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*, vol. 2002. (com D. Demolin) (Doc. pg. 284)

2002. Control and Timing of Articulatory Gestures in Pre and Post oral nasal consonants in Karitiana. Artigo apresentado na Conferência LabPhon 8: "Varieties of Phonological Competence". New Haven, Connecticut. Junho 27-30. Ms. (com D. Demolin) (Doc. pg. 285)

Dezembro 2001: (1) Comparação de listas de palavras de vocabulário padrão em 10 famílias Tupi visando reconstruir o Proto-Tupi. O vocabulário em questão foi compilado e parcialmente analisado no Museu Emílio Goeldi em Belém, em reunião de trabalho do projeto Tupi Comparativo durante o mês de agosto de 2001; (2) Elaboração de artigo com Didier Demolin (Foneticista, Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica), sobre as Consoantes Nasais em Karitiana; (3) Preparação para trabalho de campo com informantes Karitiana.

Janeiro e Fevereiro de 2002: (1) Trabalho de campo com informantes Karitiana no Mato Grosso (janeiro) e em São Paulo (fevereiro); (2) Elicitação de dados relevantes para a elaboração do artigo sobre mudança vocálica no Proto-Arikém em colaboração com Philip Baldi (Docente, PennState University, Estados Unidos), bem como de outros 4 artigos sobre a fonética e fonologia do Karitiana, em colaboração com Didier Demolin e um sobre regras de parentesco em Karitiana, em colaboração com Carolina Pucú Araújo (Mestre, Museu Nacional/UFRJ).

II.1.4. Projeto de Pesquisa financiado com bolsa PROFIX (CNPq)

Durante os anos de 2002 a 2003, estarei trabalhando no MAE/USP em colaboração com o Arqueólogo Eduardo Neves, num projeto de reconstrução da pré-história da Amazônia, com ênfase nos povos Tupi (projeto PROFIX-CNPq).

Projeto: Uma Cooperação entre a Lingüística, a Arqueologia e a Etnologia Amazônicas no MAE (USP)

Durante os dois primeiros anos de vigência deste projeto, descritos abaixo, pretende-se: (1) formar dentro do MAE uma infra-estrutura permanente para a pesquisa em lingüística indígena amazônica voltada para a arqueologia e a etnologia (auxílio de R\$43.000 em 4 anos); (2) recrutar dois estudantes de graduação em lingüística da USP (bolsistas de IC do CNPq via PROFIX) para trabalhar no projeto, selecionando-os através de um curso a ser oferecido pela proponente e pelo arqueólogo Eduardo Neves do MAE; (3) realizar pesquisas em lingüística histórica, reconstruindo preliminarmente aspectos de uma língua pré-histórica da Amazônia, o Proto-Tupi; esta pesquisa já se encontra em andamento dentro do Projeto Tupi Comparativo (PTC, sediado no Museu Goeldi, e financiado Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research), do qual a proponente participa como especialista na língua Karitiana (família Arikém, tronco Tupi)); Eduardo Neves (arqueólogo, MAE/USP) e Carlos Fausto (etnólogo, Museu Nacional/UFRJ) contribuem como consultores do PTC nas áreas de arqueologia e etnologia, respectivamente (4) migrar as bases de dados (listas lexicais de 10 línguas Tupi, e listas de cognatos utilizadas para a reconstrução do Proto-Tupi) do PTC para o MAE; (5) oferecer dois cursos na USP: um curso co-ministrado pela proponente e Eduardo Neves sobre as hipóteses lingüísticas e arqueológicas que constam na literatura Tupi, e outro ministrado pela proponente sobre os métodos utilizados para a descrição de línguas (5) avançar a descrição da língua Karitiana, uma das dez línguas que serão comparadas no PTC.

As publicações resultantes do projeto até o momento (setembro de 2002) são:

2002. Production and Perception of Vowels in Karitiana. Resumo aceito para a conferência da Acoustical Society of America. *Acoustical Society of America 2002 CD-Rom paper collection*. Dezembro 2002. (com D. Demolin) (Docs. pgs. 286, 287, e 288)

Em preparação. Relativas de Núcleo Interno em Karitiana. Resumo enviado para a ABRALIN 2003. (Doc. pg. 321)

Em preparação. Características Fonéticas e Fonológicas da Oralização Parcial de Consoantes Nasais em Karitiana e a Teoria do Controle. Resumo enviado para a ABRALIN 2003 (com D. Demolin). (Doc. pg. 322)

Em preparação. Phonetic and Phonological Characteristics of Vowels in Karitiana. Artigo a ser enviado para a revista *Phonetica* em novembro 2002. Ms. (com D. Demolin) (Doc. pg. 282)

Segue, abaixo, uma justificativa do projeto PROFIX seguido de uma descrição de algumas de suas conquistas:

Há, no Brasil, uma grande carência de estudos na área de lingüística histórica, especialmente no que diz respeito às línguas indígenas. A Universidade de São Paulo conta hoje com programas de pesquisas do departamento de Lingüística onde estão representadas a descrição das línguas Tupi-Guarani (Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto) e a historiografia das línguas indígenas (Profa. Dra. Maria Cristina Altman). A lingüística histórica dos povos Tupi poderia fazer a ponte entre estas duas áreas de pesquisa que a USP já tem, além de ser de interesse para áreas afins como a antropologia social, a arqueologia e a antropologia física, na medida em que tem uma contribuição a fazer para o conhecimento dos movimentos populacionais na pré-história do Brasil.

O Karitiana tem um papel importante a cumprir na reconstrução do Proto-Tupi, por ser a única língua viva da família Arikém, e por representar uma família que sofreu, diacronicamente, um processo de mudança vocálica em cadeia (Storto & Baldi, 1994). Pretendo examinar com cuidado os processos morfo-sintáticos da língua, buscando paralelos em outras línguas Tupi, a fim de explicitar as semelhanças e diferenças entre a família Arikém e outras famílias. Alguns processos lingüísticos em Karitiana, entre os quais se encontram a mudança vocálica e o movimento verbal obrigatório para a segunda posição nas sentenças matriz, parecem apontar para uma hipótese de contato pré-histórico entre a língua Proto-Arikém e uma língua não Tupi. Estas características lingüísticas parecem ser inovações introduzidas pela família Arikém, enquanto que outras, como a presença de morfologia marcadora de construções de foco do objeto em perguntas *qu-*, e sentenças relativas, parecem acontecer não só em Karitiana, mas também em línguas de outras famílias (Ramarama, Tupari). É possível que os morfemas chamados relacionais

em Tupi-Guarani sejam antigos marcadores de foco do objeto. Storto (2000a) hipotetiza, ainda, que as construções de foco do objeto em Tupi têm morfologia cognata com o a antipassiva em algumas línguas Tupi, como Mekéns e Karo. Em Karitiana, a morfologia de foco do objeto utilizada nas sentenças declarativas é cognata com a passiva impessoal.

No Projeto Tupi Comparativo, sediado no Museu Goeldi, do qual participam Neves e Storto, serão coletados paradigmas morfo-sintáticos padronizados de construções de foco do objeto, e de construções passivas, a ser comparados entre as várias línguas representadas no projeto para fins de reconstrução das funções dos morfemas em cada língua. Comparar-se-á, ainda, o vocabulário básico do Karitiana, já colocado na base de dados Shoebox (1000 itens) com vocabulários básicos de outras línguas Tupi, a fim de reconstruir os fonemas do Proto-Tupi. Estes dados já estão coletados para o Karitiana, restando apenas a coleta de exemplos da ocorrência de cada um destes itens em sentenças. Neste vocabulário básico estão inclusos vários morfemas gramaticais, que permitirão, ainda, uma comparação gramatical entre as línguas Tupi.

Espera-se que a investigação cuidadosa dos processos morfossintáticos envolvidos nas construções de foco na língua Karitiana, quando colocados em comparação com as outras línguas Tupi estudadas no Projeto Tupi Comparativo, permitirá definir a procedência ou não das hipóteses levantadas acima. Os resultados esperados são a reconstrução, em Proto-Tupi, dos morfemas marcadores de construções de foco do objeto, e outros morfemas homófonos – possivelmente uma antipassiva, ou uma passiva. Espera-se, ainda, baseados nos dados e morfosintáticos a ser comparados, desenvolver hipóteses sobre o papel da família Arikém no tronco Tupi – sua proximidade ou distância relativa das outras famílias.

Desde o primeiro encontro do Projeto Tupi Comparativo, em agosto de 2001, concluiu-se que as famílias Puruborá e Ramarama são mais próximas entre si do que de qualquer outra família dentro do tronco Tupi (Galúcio e Gabas Júnior). Se chegarmos à conclusão de que o subgrupo Puruborá-Ramarama e as famílias Mondé, Arikém, e Tupari também estão mais próximas entre si do que das outras famílias do tronco, poderemos levantar a hipótese de que o um subgrupo do Tronco Tupi seja original de Rondônia, onde estas famílias estão hoje localizadas.

Os avanços na descrição da língua Karitiana previstos no projeto PROFIX têm sido feitos, principalmente, na área da fonologia. Recentemente, tenho colaborado com Didier Demolin (Universidade Livre de Bruxelas) em pesquisa sobre fonética articulatória, acústica e aerodinâmica da língua Karitiana (D. Demolin & L. Storto 2002, em preparação, L. Storto & D. Demolin, no prelo, 2002, em preparação).

Um dos pontos teóricos mais interessantes que tenho discutido com Demolin é, sem dúvida, o status dos alofones das consoantes nasais em Karitiana ([m], [b], [mb], [bm], [mb], etc.). Storto (1999) havia descrito as pré e pós oralizações das consoantes nasais quando contíguas a vogais orais como um espalhamento local do traço [-nasal], concluindo, assim, que a nasalidade não poderia ser um traço privativo. Demolin & Storto (2002) descobriram, no entanto, através da espectrografia de som, alofones que Storto (1999) não havia descrito, por não serem audíveis. Trata-se de explosões de oralidade entre uma consoante nasal seguida de uma vogal nasal, o que indica que, em Karitiana, as estratégias de diferenciação entre consoantes nasais e vogais adjacentes vão além do que poderia ser descrito como espalhamento de oralidade. Os autores explicam o fenômeno através da teoria do controle (Kingston & Diehl 1994), que hipotetiza que uma comunidade de falantes pode "escolher" entre as várias possibilidades fonéticas para implementar certas distinções fonológicas. A covariação entre oclusões orais e velares encontradas na análise instrumental dos alofones nasais do Karitiana sugere que os contrastes entre consoantes nasais e vogais deve ser máximo, já que o ambiente menos favorável para identificar uma vogal nasal na língua é no contexto de consoantes nasais. Assim, pode-se dizer que os falantes de Karitiana "escolhem" realizar uma explosão após uma consoante nasal seguida de uma vogal nasal ([m^b]) para marcar o contraste entre os dois segmentos.

Retomo, assim, na pesquisa atual, problemas teóricos que ficaram em aberto na minha tese. A resolução destes problemas em Karitiana representa avanços para o projeto comparativo. Um exemplo disso está na questão da consoante palato-alveolar, que poderia, a princípio, ser descrita tanto como um glide quanto como uma nasal na forma subjacente (já que estão em distribuição complementar). Através da análise fonética é possível demonstrar que trata-se de uma consoante nasal que se oraliza e tem sua oclusão enfraquecida em ambiente intervocálico. O fato do Karitiana não ter um glide palatal

subjacente levanta a hipótese de que o glide bilabial, que está limitado à posição de onset dentro de palavras, possa ser derivado de *p* e *m* em ambiente intervocálico. A série nasal do Karitiana, que contém uma consoante palatal é relevante para a reconstrução do Proto-Tupi, pois sugere que outras línguas Tupi talvez também possam ter glides derivadas de nasais.

Mesmo que eu seja contratada no Departamento de Lingüística, continuo a ter o direito a manter a bolsa PROFIX (sem o pagamento da mensalidade, uma vez que estarei recebendo salário da USP), que prevê um auxílio de R\$ 45.000,00 em 4 anos (R\$ 15.000 nos anos 2004 a 2005, caso haja renovação) para financiar a compra de equipamento para (1) armazenamento e processamento de dados lingüísticos (inclusive software e hardware de análise fonética - acustica, aerodinâmica e articulatória), e (2) trabalho de campo em línguas indígenas (gravadores digitais, microfones, painéis solares e baterias).

II.2. Atividades Docentes

Minhas atividades como docente iniciaram-se no MIT, onde fui assistente de ensino (teaching assistant) do curso 24.900 no outono de 1996 no MIT. Esta experiência de ensino é uma exigência do currículo de doutorado no Departamento de Lingüística e Filosofia, e, apesar de difícil, foi bastante gratificante. Fui responsável pela correção de 20 listas de exercícios, e por ministrar uma aula de 50 minutos semanalmente.

Tive, ainda, durante minha estadia no MIT, a oportunidade de ministrar aulas particulares de lingüística gerativa a um professor de colegial de Portsmouth, New Hampshire (Anthony Theille), por um período de dois anos, e orientá-lo em sua iniciativa de ensinar a lingüística científica na sua escola. Ele recebeu um prêmio da pelo trabalho, apareceu na imprensa, e incentivou seus alunos a participarem de um concurso nacional de ciência. Vários professores do MIT (e associados) participaram do projeto, entre eles David Pesetsky, Ken Hale, Jay Keyser, e Howard Lasnik. Acredito fervorosamente na importância de se socializar o conhecimento científico da área de lingüística, a fim de elevar o nível dos cursos de línguas e letras no primeiro e segundo graus, e contribuir para a valorização dos diversos registros da língua falada, o que talvez venha, no futuro, a minimizar o preconceito social associado a certos dialetos, e, por consequência, aos seus

falantes. Uma outra consequência importante deste tipo de iniciativa é recrutar para a área de letras e lingüística um número maior de alunos que têm inclinação científica.

Ministrei dois cursos em nível de pós-graduação na UFRJ:

Setembro-Novembro 1999: Professora do curso de Pós-Graduação “Teorias Gerativas Contemporâneas” na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde ministrei a totalidade das aulas. Professores responsáveis: Marcus Maia e Miriam Lemle. (Doc. pg. 266).

Março–Maio 2000: Professora do curso de Pós-Graduação “Semantica, Teoria e Descrição” na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde ministrei 50% das aulas. Professora responsável: Miriam Lemle (Doc. pg. 266).

Organizei o Grupo de Leitura do Museu Nacional de agosto de 1999 até agosto de 2001, um grupo semanal de leituras teóricas avançadas (os artigos discutidos foram Chomsky 1998, Chomsky 1999 e Halle & Marantz 1993), onde fui responsável por praticamente todas as apresentações.

No segundo semestre de 2000 ministrei um módulo do Curso de Especialização em Lingüística Indígena no Museu Nacional/UFRJ (Morfologia I), e um curso de Teoria Lexical no IV Instituto de Estudos da Linguagem da ASSEL-RIO na PUC-RJ com a Dra. Miriam Lemle. (Doc. pg. 239).

Ministrei duas etapas de cursos intensivos no 3º Grau Indígena da UNEMAT, em Barra do Bugres, MT: Primeira Etapa: Gênese (sociolingüística, fonética e fonologia) e Segunda Etapa: Tempo: (fonologia e lingüística histórica). Esta experiência foi bastante desafiadora e gratificante. Em cada etapa dei aproximadamente sete horas de aulas diárias, durante 7 dias, a aproximadamente 50 alunos de 17 etnias. Iniciamos pesquisa sobre os sons de cada uma das línguas faladas na sala de aula, tendo definido um quadro fonético preliminar para cada língua. O agrupamento dos fones em fonemas já foi iniciado. A próxima etapa em que ministrarei aulas de lingüística realizar-se-á em julho de 2002, quando aprofundaremos o estudo da fonologia e iniciaremos o da morfologia das línguas indígenas. A primeira turma de graduandos se formará em 2005. (Docs. pgs. 262-265).

II.3. Orientações e Participações em Bancas

Durante os meses de março a novembro de 2001, orientei Carolina Pucu Araújo, então aluna do mestrado em antropologia no Museu Nacional (hoje mestre, tendo escrito uma tese sob orientação de Carlos Fausto), em leituras sobre a língua Karitiana. Como resultado do trabalho, escrevemos um artigo em co-autoria (Araújo & Storto 2002). Esta colaboração realizou-se dentro do espírito diacrônico do projeto FAPERJ, uma vez que foi um trabalho interdisciplinar entre lingüística e etnologia, onde uma série de termos de parentesco foram comparados em línguas pertencentes a duas famílias Tupi, tendo sido sugerido que alguns deles são passíveis de reconstrução em Proto-Tupi.

Um dos alunos do Curso de Especialização em Lingüística Indígena do Museu Nacional, Paulo Correa, foi orientado por mim durante o segundo semestre de 2000. Auxiliei-o na escolha de uma língua para iniciar descrição, na pesquisa bibliográfica, nas leituras que fez sobre a língua, e na redação de um projeto para o CNPq/FUNAI, a fim de iniciar trabalho de campo. Paulo recebeu autorização da FUNAI, e teve um excelente período no campo em janeiro de 2001. Atualmente, ele cursa o mestrado em lingüística na UFRJ.

Orientei, ainda, no mesmo período, Gelsama Mara Santos (Mestrado) na execução de projetos de pesquisa na língua Kuikuro, sobre os temas classes verbais, caso e concordância. Mara defenderá sua tese de mestrado em dezembro de 2002, tendo me convidado a participar da banca.

Particpei da banca de defesa da tese “Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí” de autoria Gabriel Araújo dia 17 de fevereiro de 2000 na UNICAMP. Campinas. Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori. Outros membros da banca: Prof. Dr. Seung-Hwa Lee. (Doc. pg. 225).

Particpei da banca examinadora do concurso público da Universidade Estadual do Mato Grosso no teste seletivo de professores substitutos para o curso de Engenharia de Produção Agroindustrial, na disciplina Português, no dia 16 de julho de 2001. (Doc. pg. 289).

II.4. Desenvolvimento Institucional e Serviços Prestados à Comunidade

A minha experiência no Museu Goeldi me incentivou a participar ativamente em qualquer instituição na qual trabalho, procurando gerar o máximo de desenvolvimento institucional:

No Museu Emílio Goeldi fui co-autor, com Denny Moore, de dois projetos de grande porte enviados ao CNPq e à FINEP (ambos aprovados). Estes projetos foram responsáveis pelo financiamento de 7 pesquisadores no campo durante 4 anos, e por aquisições de equipamento, material e bibliografia para a Divisão de Lingüística.

Fui representante estudantil no MIT durante o ano 1995/1996. Representei os alunos nas discussões sobre a contratação de um professor de fonologia (quando Zoll foi contratada), e organizei a ligação dos computadores pessoais dos alunos na rede interna do MIT.

Durante quatro anos, trabalhei ocasionalmente no MIT Working Papers in Linguistics, uma editora sem fins lucrativos, coordenada por alunos da pós-graduação do Departamento de Lingüística do MIT.

No Museu Nacional, atuei nas seguintes áreas: (1) consegui uma doação ao Setor de Lingüística de dois computadores e uma impressora usados. Procedência: Companhia Ipiranga; (2) criei e organizei duas listas (alias) de e-mail: ling-mn@acd.ufrj.br e profling-mn@acd.ufrj.br. A primeira congrega professores e alunos de pós-graduação da área de linguística indígena do Rio de Janeiro, e visa divulgar as atividades e eventos realizados pelo Setor de Lingüística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional. A segunda é utilizada internamente, pelos professores do Setor de Lingüística, para comunicação e discussão de atividades do corpo docente; (3) coordenei sessões de estudo do programa Shoebox (download através do site: www.sil.org), que está sendo utilizado como base de dados para dicionários das línguas Karitiana, Kuikuro e Karajá; (4) coordenei a elaboração de um projeto para a Fundação Volkswagen da Alemanha que previa a criação de bases de dados computadorizadas (dicionário enciclopédico) para todas as línguas indígenas estudadas pelos membros do Setor de Lingüística e seus orientandos. Foi aprovado o projeto para uma língua apenas; a língua Kuikuro (estudada por Bruna Franchetto e duas bolsistas) foi escolhida por estar num estado mais avançado

de descrição etnográfica. O projeto foi renovado até 2005; (5) divulguei a situação de perigo das línguas brasileiras em palestra sobre diversidade lingüística no Museu do Índio em 28 de julho de 2000.

No MAE/USP: (1) convidei o Dr. Didier Demolin para palestras no MAE (janeiro) e na Lingüística (duas, em fevereiro); (2) estou realizando licitação para a compra de equipamento para o Laboratório de Línguas indígenas (a primeira parcela do auxílio PROFIX foi liberada dia 24 de setembro de 2002); (3) a fim de recrutar alunos e divulgar o trabalho do projeto PROFIX, proferi palestra no Núcleo de História Indígena e Indigenista da USP sobre Lingüística e Pré-História; (4) pretendo realizar um intercâmbio entre a USP e o MIT, pois tenho como um dos meus objetivos profissionais atrair pesquisadores gerativistas associados ao MIT para o Brasil, a fim de acelerar o desenvolvimento da lingüística gerativa no país. Enviei e-mail a Ken Hale e Noam Chomsky em meados de 2001 indicando meu interesse em recomendar lingüistas brasileiros promissores para realizar seus Ph.D. ou parte deles no MIT. Recomendei, com sucesso, Andres Pablo Salanova, mestre pela UNICAMP, para cursar o doutorado do MIT. Já iniciei conversas com meu colega de doutorado no MIT, Norvin Richards, que hoje faz parte do corpo docente do Departamento de Lingüística e Filosofia daquela instituição, no sentido de cooperarmos em um programa de intercâmbio de alunos de pós-graduação interessados em estudar as línguas indígenas brasileiras. Norvin está, no momento, buscando financiamento para viabilizar este projeto.

II.5. Educação Indígena

Comecei a trabalhar com a língua Karitiana em 1991, tendo ido para o campo pela primeira vez em 1992, e desde então, anualmente e sem interrupção, até 1997. Uma consulta foi feita à comunidade em 1991, quando ficou acertado que eu teria a permissão para realizar trabalho científico, e ofereceria, em troca, serviços educacionais à comunidade, como uma revisão da ortografia, materiais educacionais, transcrições de textos tradicionais e um dicionário e uma gramática. A ortografia ficou pronta em 1992, e foi testada em 1993 e 1994. Um projeto da Divisão de Lingüística do Museu Emílio Goeldi financiado pela Norwegian Rainforest Foundation e executado por mim produziu

um livro de apoio à alfabetização, uma base de dados lexicais no programa Shoebox (futuro dicionário preliminar da língua; ver Storto, no prelo-b), e transcrições de textos narrativos, rituais e históricos, tendo alfabetizado dois terços da população acima de 10 anos de idade de 1994 a 1997. Desde 1997 não pude ou não consegui financiamento para ir ao campo a fim de dar continuidade ao trabalho lingüístico e educacional, mas tive algum contato com falantes de Karitiana em 2000 (em março, na conferência que organizei em Petrópolis), e 2002 (em janeiro no Mato Grosso, e fevereiro em São Paulo, quando trouxe 3 falantes da língua que são também professores da escola Karitiana para coletar dados fonéticos que vieram confirmar aspectos da análise fonológica que embasavam a ortografia). Todas as descobertas lingüísticas sobre o Karitiana serão incorporadas, numa linguagem fácil e acessível, a uma gramática escolar que pretendo elaborar para uso na escola da aldeia.

III. Bolsas e Auxílios

III.1. Bolsas de Estudos

Agosto 1992 - Maio 1994: Developing Countries Fellowship (bolsa de estudos para despesas durante o curso de mestrado em Lingüística na Pennsylvania State University). Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. (Doc. pg. 09).

Agosto 1992 - Maio 1994: Bolsa para taxas escolares. Pennsylvania State University. (Doc. pg. 09).

Julho 1993: Bolsa de estudos para taxas escolares do Linguistic Institute, Columbus, Ohio. Linguistic Society of America (LSA). (Doc. pg. 22).

Julho 1994 - agosto 1998: Bolsa de Doutorado no Exterior - CNPq processo # 200213/92-0 (RE). (Doc. pg. 33-40).

Setembro 1998 - Novembro 1998: Extensão da bolsa de Doutorado no Exterior - CNPq. (Doc. pg. 33-40).

III.2. Bolsas de Pesquisa

Fevereiro 1991 - Janeiro 1992: Bolsa de Aperfeiçoamento B do CNPq. Projeto: Base Bibliográfica de Línguas da América do Sul. Orientador: Dr. Denny Moore (Museu Goeldi/CNPq, Belém). (Doc. pg. 07).

Fevereiro 1992 - Julho 1992: Bolsa de Aperfeiçoamento B do CNPq; Projeto: Análise e Descrição da Língua Karitiana. Orientador: Dr. Denny Moore (Museu Goeldi/CNPq, Belém). (Doc. pg. 07).

Agosto 1999-Janeiro 2001: Bolsa de Recém-Doutor (lotada no Museu Nacional/UFRJ) – CNPq. (Doc. pg. 188).

Março 2001 – Novembro 2001: Bolsa de Fixação de Pesquisador – FAPERJ – Processo no. E-26/152.429/00. (Doc. pg. 270).

Dezembro 2001 - Fevereiro 2002: Bolsa de Pós-Doutorado - FAPESP - Processo no. 01/00172-9. (Doc. pg. 271).

Março 2002 - presente: Bolsa de Pesquisa PROFIX - CNPq - Processo no. 540532/01-0. (Doc. pg. 272-275).

III.3. Bolsa para Realização de Eventos

Novembro 1999: Bolsa para realização de conferência de trabalho. The Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. US\$15.000,00. (Doc. pg. 218).

III.4. Pequenos Auxílios

Junho 1991: Auxílio para viagem de campo. Museu Emílio Goeldi. Projeto: Descrição e Análise da Língua Karitiana.

Junho 1992: Auxílio para viagem de campo. Museu Emílio Goeldi. Projeto: Descrição e Análise da Língua Karitiana.

Junho 1993: Auxílio para viagem de campo. Divisão de Lingüística do Museu Goeldi (FINEP/Wenner-Gren). Projeto: Projeto Comparativo Tupi/Descrição e Análise da Língua Karitiana.

Dezembro 1993: Auxílio para viagem a fim de apresentar artigo na Conferência anual da Linguistic Society of America em 6 janeiro de 1994. Wenner-Gren Foundation.

Julho 1994: Auxílio para viagem de campo. Divisão de Lingüística do Museu Goeldi (FINEP/Norwegian Rainforest Foundation/Wenner-Gren). Projeto: Descrição e Análise da Língua Karitiana/Alfabetização Karitiana.

Julho 1995: Auxílio do MIT Working Papers in Linguistics para parcialmente financiar gastos com viagem de campo e pagamento de informante.

Julho 1996: Auxílio do MIT Working Papers in Linguistics para parcialmente financiar gastos com viagem de campo e pagamento de informante.

Novembro 1996: Auxílio do departamento de Lingüística do MIT para financiar viagem à conferência da SSILA (San Francisco).

Novembro 1997: Auxílio do departamento de Lingüística do MIT para financiar viagem à VI conferência da CONSOLE (Lisboa).

Dezembro 1997: Auxílio do MIT Working Papers in Linguistics para financiar viagem e pagamento de informante.

IV. Trabalhos Técnicos, Consultorias, Organização de Eventos

IV.1. Construção de Base de Dados

Utilizando o programa Micro-Ísis, desenvolvido pela UNESCO para Bases de Dados, compilei uma bibliografia sobre as línguas indígenas da América do Sul, com ênfase em referências sobre grupos falantes de línguas Tupi (Arquivos da Divisão de Lingüística do Museu Emílio Goeldi, 1990).

IV.2. Transcrição e Tradução Entrevistas

Chegou à aldeia Karitiana, durante minha viagem a campo de 1992, uma equipe de filmagem trabalhando para a *World Health Organization* (Organização Mundial de Saúde), que me contratou para transcrever e traduzir as entrevistas gravadas com lideranças Karitiana num filme sobre a malária.

IV.3. Assessoria Lingüística a projeto de Inteligência Artificial

Trabalhei durante alguns meses como prestadora de serviços (assessoria lingüística) à empresa americana Altech, em Boston, que desenvolvia um sistema de inteligência artificial de atendimento telefônico automatizado.

IV.4. Organização de Conferência

Aprovado um pedido de Bolsa para Pequenas Conferências (US\$ 15.000,00) feito em julho de 1999 a The Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, para realização da conferência intitulada “A Estrutura das Línguas Indígenas Brasileiras” (Hotel Riverside Park, Petrópolis de 17 a 29 de março de 2000). Conferência realizada com sucesso.

IV.5. Consultoria para Programa de Graduação

Fui convidada, por Bruna Franchetto, para fazer uma consultoria para o primeiro programa de graduação (licenciatura diferenciada) feito especialmente para os indígenas, na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Barra do Bugres. Meu trabalho como consultora é elaborar o currículo, e definir a equipe docente do curso de Línguas, Artes e Literatura, e organizar e redigir as apostilas. Além de consultora, sou também coordenadora e docente do curso (período letivo: uma semana em julho e janeiro). O Termo de Compromisso que firma a consultoria foi assinado, e a primeira e segunda etapas das atividades previstas já foram realizadas julho de 2001 e janeiro de 2002. O curso de Línguas, Artes e Literatura foi o melhor avaliado entre os alunos (os outros dois cursos: Ciências Matemáticas e da Natureza e Ciências Sociais). Tenho grandes esperanças de que é possível formar excelentes professores indígenas que tornar-se-ão pesquisadores de suas próprias línguas e tradições (B. Franchetto, M. Maia, F. Sandalo & L. Storto 2002). Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que este programa seja um sucesso.

IV.6. Pareceres e participação em Corpo Editorial

Emiti parecer ad-hoc para a DELTA em outubro de 1999.

Fui convidada a participar do corpo editorial do Handbook of Linguistic Variation por Pierre Pica.

V. Sociedades Científicas a que pertence

BLS (Berkeley Linguistic Society)

LSA (Linguistic Society of the Americas)

SSILA (Society for the Study of Indigenous Languages of the Americas)

ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)

GTLI (Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas) da ANPOLL

VI. Objetivos Profissionais

Apesar do Brasil contar hoje com aproximadamente 180 línguas indígenas, apenas dez por cento destas línguas têm descrições sintáticas de boa qualidade (Storto 1996). Meu principal objetivo profissional é fazer o possível para mudar este quadro, seja através da promoção de cursos intensivos em lingüística indígena, seja através da minha própria pesquisa, ou me dedicando a desenvolver um grupo de pesquisa, ministrar cursos, e orientar alunos. Um outro objetivo que tenho em vista, ao qual também pretendo dedicar grande parte da minha carreira, é promover o estudo da lingüística formal no Brasil, em especial do modelo gerativista.

Referências

- ARAÚJO, C. & L. STORTO. 2002. Terminologia de Parentesco Karitiana e Juruna: Uma Comparação de Algumas Equações entre Categorias Paralelas e Gerações Alternas. Em *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática, e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Tomo II*.
- BOBALJIK, R. PENSALFINI, & L. STORTO (eds.). 1996a. *MIT Working Papers in Linguistics* 28. MITWPL.
- BOBALJIK, R. PENSALFINI, & L. STORTO. 1996b. A Preliminary Bibliography on Language Endangerment and Preservation. *MIT Working Papers in Linguistics* 28. J. Bobaljik, R. Pensalfini, and L. Storto (eds.). MITWPL.
- CHOMSKY, N. 1993. A Minimalist Program for Linguistic Theory. Em *K. Hale and J. Keyser (eds.), The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. The MIT Press, Cambridge.
- _____. 1995. *The Minimalist Program*. The MIT Press. Cambridge.
- _____. 1998. *Minimalist Inquiries: The Framework*. MIT. Ms.
- _____. 1999. *Derivation by Phase*. MIT. Ms.
- DEMOLIN, D. & L. STORTO. Em preparação. Phonetic and Phonological Characteristics of Vowels in Karitiana. Artigo a ser enviado para a revista *Phonetica* em novembro 2002. Ms.

- DEMOLIN, D. & L. STORTO. 2002. Production and Perception of Vowels in Karitiana. Resumo aceito para a conferência da Acoustical Society of America. *Acoustical Society of America 2002 CD-Rom paper collection*. Dezembro 2002.
- FRANCHETTO, B., M. MAIA, F. SANDALO E L. STORTO. 2002. A Construção do Conhecimento Lingüístico: do Saber do Falante à Pesquisa. *Cadernos de Educação Escolar Indígena, 3º Grau Indígena, no. 1, vol. 1*. UNEMAT, Barra do Bugres, MT.
- GALUCIO, V. 1997. *Mekens (Tupi) Morphosyntax*. University of Chicago. Ms.
- GRENOBLE, L. & L.WHALEY (eds.). 1998. *Endangered Languages: Current Issues and Future Prospects*. Cambridge University Press.
- HALE, K. AND L. STORTO. 1996. Agreement and Spurious Antipassives. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) 20*.
- HALE, K. and J. KEYSER. 1993. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. Em *K. Hale and J. Keyser (eds.), The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. The MIT Press, Cambridge.
- _____. 1998. On the Syntactic Projection of Predicate Argument Structure. Manuscrito. Department of Linguistics, MIT, Cambridge.
- HALLE, M. & W. IDSARDI. 1995. General Properties of Stress and Metrical Structure. *Handbook of Phonological Theory*. (J. Goldsmith, ed.). Blackwell.
- HALLE, M. & A. MARANTZ. 1993. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. Em *K. Hale and J. Keyser (eds.), The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. The MIT Press, Cambridge.
- MOORE, D. & L. STORTO. 1991. Lingüística Indígena no Brasil. Ms.
- _____. 2002. As Línguas Indígenas e a Pré-História. Em *Homo Brasilis: Aspectos Genéticos, Lingüísticos, Históricos e Socioantropológicos da Formação do Povo Brasileiro*. Sérgio Pena (org.). Editora FUNPEC.
- STERIADE, D. (1993). Closure, Release and Nasal Contours. *Phonetics and Phonology* 5.
- STORTO, L. 1994. Basic Word Order in Karitiana (Arikém Family, Tupi Stock). *Report 8: Survey of California and Other Indian Languages: Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, July 2-4, 1993 and the Hokan Penutian Workshop, July 3, 1993*. Department of Linguistics. University of California at Berkeley. 138-144.

- _____ 1996. A Report on Language Endangerment in Brazil. Em *Language Endangerment and the Maintenance of Linguistic Diversity. MIT Working Papers in Linguistics* 28.
- _____ 1997. Verb Raising and Word Order Variation in Karitiana. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) 20 - Homenagem a Aryon Dall'Igna Rodrigues*.
- _____ 1998. Karitiana: A Verb Second Language from Amazonia. Em *Proceedings of the Sixth Conference of Students of Linguistics of Europe (CONSOLE)*.
- _____ 1999. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Dissertação de Ph.D. Massachusetts Institute of Technology.
- _____ 2000a. Concordância Irregular em Construções de Foco do Objeto em Karitiana. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis. CD-Rom.
- _____ 2000b. Entrevista com Ken Hale: Diversidade e Universalidade Lingüística. *Revista MANA*, vol. 6 (2), Outubro. PPGAS - Museu Nacional/UFRJ.
- _____ 2002a. Duas Classes de Verbos Intransitivos em Karitiana (Família Arikém, Tronco Tupi). Em F. Queixalos & O. Lescure (eds.) *Des Noms et Des Verbes en Tupi-Guarani*. Lincom-Europa.
- _____ 2002b. Dicionário Preliminar Karitiana-Português-Inglês: Um Produto do Processo de Educação e Manutenção da Cultura Entre os Karitiana. Em *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática, e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Tomo I*.
- STORTO, L. 2002c. Algumas Categorias Funcionais em Karitiana. Em *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática, e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Tomo I*.
- STORTO, L. Em preparação. Relativas de Núcleo Interno em Karitiana. Resumo enviado para a ABRALIN 2003.
- STORTO, L. & F. SANDALO. No prelo. The Impact of African Languages on Brazilian Portuguese. *Afropeadia*. Harvard.
- STORTO, L. & B. FRANCHETTO. No prelo. Hipóteses Lingüísticas sobre o Povoamento das Américas. Em SILVA, H.P. & RODRIGUES-CARVALHO, C.

- (eds.), *Novas Questões sobre o Povoamento das Américas: Visões Interdisciplinares, com Prefácio de F.M. Salzano*. Editora da UFRJ.
- STORTO, L. & D. DEMOLIN. No prelo. The Phonetics and Phonology of Unreleased Stops in Karitiana. *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society, vol. 2002*.
- STORTO, L. & D. DEMOLIN. 2002. Control and Timing of Articulatory Gestures in Pre and Post oral nasal consonants in Karitiana. Artigo apresentado na Conferência LabPhon 8: "Varieties of Phonological Competence". New Haven, Connecticut. Junho 27-30. Ms.
- STORTO, L. & D. DEMOLIN. Em preparação. Características Fonéticas e Fonológicas da Oralização Parcial de Consoantes Nasais em Karitiana e a Teoria do Controle. Resumo enviado para a ABRALIN 2003.
- STORTO, L. & P. BALDI. 1994. The Proto-Arikém Vowel Shift. Trabalho apresentado no encontro anual da Linguistic Society of America. Ms.